

AS MARCAS DA PERCEPÇÃO: A POSTURA DE JOÃO TEODORO EM “UM HOMEM DE CONSCIÊNCIA”, DE MONTEIRO LOBATO

The marks of perception: the attitude of João Teodoro in “Um homem de consciência”, by Monteiro Lobato

Haydê Costa Vieira¹

RESUMO: Ancorado em contribuições de Forster (1974); Candido (1987, 2004); Rosenfeld (1987); Dourado (1973); Moisés (2004) e em estudos de Teoria Literária, este artigo visa a refletir sobre as ações da personagem João Teodoro do conto “Um homem de consciência”, de Monteiro Lobato. A escolha desse tema decorreu do interesse em estudar uma personagem masculina humilde que é capaz de possuir uma postura sensata, mesmo recebendo uma proposta de ocupar um cargo tão almejado pela sociedade. O fato ocorre em Itaoca, uma cidadezinha fictícia que o escritor Monteiro Lobato escolheu para criticar o descaso das autoridades para com os moradores do interior do estado de São Paulo, principalmente, aqueles residentes no Vale do Paraíba. Para a realização deste trabalho o procedimento básico foi a pesquisa bibliográfica. Ao longo dele, procura-se mostrar que a personagem pacata, modesta, honesta e leal provoca inúmeros questionamentos sobre valores e moralidades nos leitores de “Um homem de consciência”, de Monteiro Lobato.

Palavras-chave: Personagem; Consciência; Monteiro Lobato.

ABSTRACT: Based on the contributions from Foster (1974); Candido (1987, 2004); Rosenfeld (1987); Dourado (1973); Moisés (2004) and studies of Literary Theory, this article aims to reflect on the actions of the character João Teodoro's story “Um homem de consciência”, by Monteiro Lobato. The choice of this theme resulted from the interest in studying a humble male character who is able to have a sensible approach, even receiving a proposal to occupy a position so desired by society. The fact Itaoca occurs in a fictional town that the writer Monteiro Lobato chose to criticize the neglect of the authorities towards the residents of the state of São Paulo, especially, those residing in the Vale do Paraíba. For this work the basic procedure was the literature search. Over him, seeking to show that the character quiet, modest, honest and loyal causes numerous questions about values and morals in the readers in “Um homem de consciência”, of Monteiro Lobato.

Keywords: Character; Conscience; Monteiro Lobato.

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras (Área de Concentração em Estudos Literários), pelo Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Câmpus de Três Lagoas. Bolsista CAPES/Demanda Social. haydecosta@hotmail.com

Introdução

No Brasil, exatamente nos primeiros vinte anos do século XX, começou a ser realizada uma vasta produção literária que apontava diversas situações problemáticas na sociedade. Os escritores decidiram denunciar a realidade vivida do povo esquecido pelas autoridades brasileiras. Eis que surge, nesse contexto, o escritor brasileiro Monteiro Lobato.

Monteiro Lobato foi um dos mais influentes escritores brasileiros no início do século XX. Ficou conhecido pelos inúmeros livros infantis, que constituíam praticamente a metade da sua obra literária. Já a outra metade é composta por romance, contos, artigos, críticas e crônicas sobre diversos temas brasileiros, entre eles a denúncia social dos marginalizados e a importância do petróleo e do ferro.

O que Lobato sempre recusou em suas produções foi o sentimentalismo tão em voga em sua época. Decidiu substituí-lo pelo humor, pela ironia e pela irreverência. Suas histórias, geralmente, narram o universo da população interiorana paulista, tanto rural como urbana. Nelas, são retratadas a corrupção, a ignorância e a miséria.

Lobato foi um homem que lutou por um Brasil modernizado em moldes capitalistas. A sua impaciência em face do atraso brasileiro o conduziu a ser um crítico intolerante e impiedoso. Comprometido com as causas de seu tempo, até hoje os seus textos publicados constituem um precioso retrato de sua época, expondo os fatos socioeconômicos, políticos e culturais do início do século XX.

As cidades mortas de Monteiro Lobato

José Bento Monteiro Lobato (1882-1948) nasceu em Taubaté, no interior do estado de São Paulo. Monteiro Lobato, como é mais conhecido, teve uma marcante presença na vida pública, empresarial e cultural. “Seus escritos e tomadas de posições, em décadas passadas, revelam forte preocupação com educação e saúde, com o desenvolvimento e desigualdades sociais.” (SILVA, 2010, p. 56),

Coube a Monteiro Lobato a fortuna de ser, na área da Literatura Infantil e Juvenil, “o divisor de águas que separa o Brasil de ontem e o Brasil de hoje.” (COELHO, 1991, p. 225).

O criador do Sítio do Picapau Amarelo desejava que a criança entendesse os fenômenos da língua e seu objetivo. A intenção de Lobato “era simplificar as coisas para que seus leitores pudessem compreender melhor seu idioma.” (SILVA, 2010, p. 53). Dessa maneira, o escritor conseguiu conquistar os seus pequenos leitores e a crítica em geral.

Na esfera da literatura adulta, a contribuição do escritor brasileiro também foi muito significativa. De suas inúmeras publicações, pode destacar os livros de contos *Urupês* (1918), *Cidades mortas* (1919) e *Negrinha* (1920) e o romance *O presidente negro* (1926).

Monteiro Lobato utiliza as suas obras, em especial os seus contos, para apontar as misérias ocorridas no interior paulista. As características mais marcantes em suas obras são a denúncia da realidade brasileira e o regionalismo.

A principal característica do regionalismo tradicional é o apego nostálgico a um passado rural cuja perda se lamenta e cujos aspectos são descritos minuciosamente, para recompor o antigo mundo do campo que se quer contrapor à perda das tradições da vida da cidade. (VIANNA, 1997, p. 121).

Para o crítico e historiador de Literatura Brasileira, o professor Alfredo Bosi (2006, p. 215), “o papel que Lobato exerceu na cultura nacional transcende de muito a sua inclusão entre os contistas regionalistas. Ele foi, antes de tudo, um intelectual participante que empunhou a bandeira do progresso social e mental de nossa gente.”

Urupês, como lembra Castello (1999, p. 48), certamente marca a estreia definitiva do escritor “que considerava nascida do envolvimento com a realidade, que ele denunciava.” De *Urupês*, Lobato caminharia para *Cidades mortas*, “que também vem precedido de mais um pequeno panfleto-denunciador, repassado de melancolia e desalento pelo destino do ser brasileiro.” (CASTELLO, 1999, p. 49).

Monteiro Lobato principiou o seu trabalho como denunciador para chegar ao retrato da decadência e do abandono do homem do campo. Da visão do campo, Lobato passa para o retrato dos núcleos urbano-rurais que, sob a dependência econômica cafeeira, foram prósperos e requintados, “como requintadas e luxuosas foram as sedes de fazenda na primeira região de desenvolvimento daquela economia, pelo Paraíba, onde se ambientam os contos de *Cidades Mortas*”. (CASTELLO, 1999, p. 49).

As primeiras edições da obra *Cidades mortas* receberam o subtítulo de “Contos e impressões”, que conforme explica Câmara Cascudo no texto de Camargos e Sacchetta (2009, p. 14), esse subtítulo é “bem adequado a um livro em que o autor, em lugar de criar histórias, apenas descreve o marasmo que observava durante suas andanças pelo interior.”

A figura do caipira, que está presente em diversas obras de Monteiro Lobato, é a descrição do tipo humano característico do interior paulista. Nas primeiras críticas de Lobato surge a personagem Jeca Tatu, que, a princípio, o escritor acreditava ser um vagabundo e um indolente. Porém, algum tempo depois, (exatamente na primeira edição de *Urupês*), Monteiro Lobato publica um pedido de perdão ao pobre Jeca, isentando-o de culpa pela sua condição sub-humana. Nesse momento, o autor reconhece a realidade desse caipira por ser um indivíduo subnutrido, miserável, marginal e doente.

Na verdade, o caipira é de origem paulista. É produto de transformação do aventureiro seminômade em agricultor precário, na onda dos movimentos de penetração bandeirante que acabaram no século XVIII e definiram uma extensa área: São Paulo, parte de Minas e do Paraná, de Goiás e de Mato Grosso, com a área afim do Rio de Janeiro rural e do Espírito Santo. Foi o que restou de mais típico daquilo que um historiador grandiloquente mas expressivo chamou de “Paulistânia”. (CANDIDO, 2004, p. 270).

O espaço retratado nos contos de *Cidades mortas* é quase sempre o mesmo: Itaoca ou Oblivion. Ambas são cidades fictícias localizadas no interior do estado de São Paulo, onde “tudo foi, nada é. Não se conjugam verbos no presente. Tudo é pretérito. Umas tantas cidades moribundas arrastam um viver decrépito, gasto em chorar na mesquinhez de hoje as saudosas grandezas de dantes.” (LOBATO, 2009, p. 21).

Para Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1988), o espaço constitui uma das mais importantes categorias da narrativa. Integra, primeiramente, os componentes físicos que servem de cenário ao desenrolar da ação e a movimentação das personagens (cenários geográficos, interiores, decorações, objetos etc.) e, posteriormente, o conceito de espaço pode ser entendido em sentido translativo, abrangendo então tanto as atmosferas sociais (espaço social) como até as psicológicas (espaço psicológico).

Logo, entende-se a escolha do título da obra em *Cidades mortas*: os espaços de seus contos são pequenas cidades interioranas, pouco habitadas ou abandonadas, devido a

migração das pessoas para outras localidades em busca de vidas melhores. Assim, surgiram as cidades abandonadas, as cidades esquecidas, as cidades ermas ou, como preferiu chamar Monteiro Lobato, as cidades mortas no interior paulista.

Personagem: breve conceito

O *Dicionário Houaiss* [online] (2012) apresenta a seguinte definição de personagem:

Personagem

- substantivo de dois gêneros

1. pessoa que é objeto de atenção por suas qualidades, posição social ou por circunstâncias;
2. papel representado por um ator ou atriz a partir de figura humana fictícia criada por um autor;
3. Derivação: por extensão de sentido. Figura humana imaginada pelos autores de obras de ficção;
4. Derivação: por extensão de sentido. Figura humana representada em várias formas de arte. Ex.: o principal p. do quadro é um pastor de longas barbas;
5. Derivação: por extensão de sentido. O homem definido por seu papel social ou comportamento.

Como já apontou Beth Brait (1985) em seu livro *A personagem*, a consulta a um dicionário geral da língua não ajuda muito a esclarecer o conceito de personagem. Na realidade, essa ideia mais confunde que esclarece. O interessante (e mais sensato) é utilizar-se de dicionários especializados e livros teóricos para obter melhores resultados.

Assim, ao consultar o *Dicionário de termos literários*, de Massaud Moisés (2004), verifica-se que a palavra personagem deriva do vocábulo francês *personnage* e do latim *persona*, sendo este segundo significar “máscara”. No teatro greco-latino os atores utilizavam máscaras para representar as personagens que interpretavam.

A importância do estudo da personagem tem sido objeto de análise desde Aristóteles. A personagem “designa, no interior da prosa literária (conto, novela e romance) e do teatro, os seres fictícios construídos à imagem e semelhança dos seres humanos.” (MOISÉS, 2004, p. 348). Por mais real que pareça, como lembra Gancho (2002), a personagem é sempre

invenção do escritor, mesmo quando se constata que determinadas personagens são baseadas em seres reais.

[...] No romance, o personagem não existe antes de ser criado na escrita, antes da palavra ele é apenas fumaça, ilusão, a dor que impulsiona o romancista a criá-lo, embora os romancistas poderosos consigam às vezes visualizá-lo - senão seria incapaz de transpô-lo para o papel. Mesmo quando o romancista pretende que está retratando uma pessoa da vida real, que ele tenha conhecido, o que na verdade está fazendo não é retratar a pessoa real mas transpor para o romance uma figura que agora existe dentro dele (a pessoa real pode morrer, que continuará a viver na memória do autor); uma pessoa real filtrada pelas lentes da memória e da imaginação, subordinada à composição do livro, tendo o romancista de aumentar ou diminuir ou mesmo apagar os seus traços mais marcantes, segundo o ritmo e a necessidade estrutural da obra. (DOURADO, 1973, p.103-104).

A personagem no romance é um elemento entre vários outros, ainda que seja o principal. Segundo Candido (1987), geralmente na leitura de um romance perdura a impressão duma série de fatos, organizados em enredo e de personagens que existem nestes fatos. O enredo existe por meio das personagens e estas vivem no enredo. “Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuitos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam.” (CANDIDO, 1987, p. 53-54).

Já no teatro, como lembra o crítico Décio de Almeida Prado (1987), as personagens constituem praticamente a totalidade, pois não existe nada a não ser por meio delas. Tanto o romance como o teatro falam do homem, mas o teatro o faz por meio do próprio homem, da presença carnal do ator. Logo, pode concluir que teatro é ação e romance é narração.

Em todas as artes literárias e nas que exprimem, narram ou representam um estado ou estória, a personagem realmente “constitui” a ficção. Contudo, no teatro a personagem não só constitui a ficção mas “funda”, onticamente, o próprio espetáculo (através do ator). É que o teatro é integralmente ficção, ao passo que o cinema e a literatura podem servir, através das imagens e palavras, a outros fins (documento, ciência, jornal). [...] É precisamente por isso que no próprio cinema e literatura ficcionais as personagens, embora realmente constituam a ficção, e a evidenciem de forma marcante, podem ser dispensadas por certo tempo, o que não é possível no teatro. O palco não pode permanecer “vazio”. (ROSENFELD, 1987, p. 31).

Candido (1987) afirma que no mundo fictício as personagens obedecem a uma lei própria, porque são mais nítidas, mais conscientes e têm contorno definido. Ao contrário do

caos da vida, há nas personagens uma lógica pré-estabelecida pelo autor, o que as tornam paradigmas e eficazes.

Conforme aponta Candido (1987), o vínculo entre o autor e a sua personagem determina um limite a possibilidade de criar, a imaginação de cada escritor narrativo, que não é absoluta e sequer absolutamente livre, mas depende dos limites do criador.

João Teodoro: uma pequena apresentação

Na literatura, o conto é uma narrativa breve e concisa, menor que o romance e a novela. “O conto é, do prisma dramático, univalente: contém um só drama, um só conflito, uma só unidade dramática, uma só história, uma só ação, enfim, uma única célula dramática.” (MOISES, 2004, p. 88).

Poucas personagens participam da narrativa do conto. Como observa Moisés (2004) no seu *Dicionário de termos literários*, geralmente são duas ou três personagens que participam diretamente no conflito e se acontecer da quantidade aumentar, é inevitável que algumas dessas personagens desempenhem funções secundárias, de ambientes ou cenários sociais.

No conto “Um homem de consciência”, de Monteiro Lobato, presente em sua obra *Cidades mortas*, é um típico conto literário que possui pouquíssimas personagens. Narrada em terceira pessoa, o narrador heterodiegético decide contar um fato ocorrido com a personagem masculina, conhecida como João Teodoro.

Como aponta Beth Brait (1985), o fato de uma narrativa ser realizada em terceira pessoa não pressupõe necessariamente personagens mal ou bem construídas. A apresentação da personagem por um narrador que não está presente na história é um recurso muito antigo e eficaz, dependendo da habilidade do autor que o produz.

Segundo Carlos Reis e Ana Cristina M. Lopes (1988), a expressão narrador heterodiegético, introduzida no domínio da narratologia por Gérard Genette, é aquela em que o narrador relata uma história à qual é estranha, uma vez que não integra nem integrou, como personagem, o universo diegético em questão. O narrador heterodiegético se caracteriza pelo fato de narrar um caso que conhece pela sua experiência de testemunha direta dessa história.

O foco narrativo do conto “Um homem de consciência” é do escritor/narrador onisciente. “O ponto de vista onisciente é aquele em que o autor/narrador, qual um deus, tudo conhece da história e tudo pode esquadriinhar, inclusive a vida mental das personagens.” (MOISÉS, 2004, p. 365).

Para Moisés (2004, p. 367), “o narrador-onisciente constitui, genérica e historicamente, o foco narrativo mais difundido, por certo em razão do primitivo impulso, ainda enraizado, que convertia uma pessoa em contador de histórias.”

O narrador heterodiegético decide utilizar o tempo cronológico para contar a história. Para Cândida Vilares Gancho (2002), o tempo cronológico é quando os fatos transcorrem na ordem natural do enredo. Está, portanto, ligado ao enredo linear, que não altera a ordem em que os fatos ocorrem.

Já o tempo verbal utilizado no conto é da fase do pretérito (passado). Dentre os tempos verbais, os mais utilizados nesse conto foram o pretérito imperfeito e o pretérito perfeito, ambos do modo indicativo.

De acordo com o *Dicionário Michaelis [online]* (2012), o pretérito imperfeito é o “tempo que indica uma ação passada, em relação ao presente, e que estava se exercendo quando outra se realizou” e o pretérito perfeito é o “tempo que exprime ação passada e liquidada”. Desse modo, pode-se afirmar que o evento narrado no conto “Um homem de consciência” já ocorreu.

A flexão do modo indicativo, segundo o *Dicionário Michaelis [online]* (2012), é o “modo em que os verbos exprimem com independência e positivamente o estado ou a ação que significam” e para o *Dicionário Digital Aulete* (2012) “diz-se de modo verbal que apresenta a ação como um fato real”. Logo, com essas observações pode-se afirmar que o narrador do conto exprime certeza do fato que está sendo relatado.

O narrador heterodiegético inicia a sua história apresentando a personagem: “Chamava-se João Teodoro, só. O mais pacato e modesto dos homens. Honestíssimo e lealíssimo, com um defeito apenas: não dar o mínimo valor a si próprio.” (LOBATO, 2009, p. 181).

A princípio, percebe-se que o narrador está informando ao leitor a existência de uma personagem que possui um nome simples e popular: João Teodoro. Apenas João Teodoro, como está bem destacado no texto com o uso do advérbio “só”.

Observa-se que o narrador, nesse mesmo trecho, faz questão de apontar as características da personagem João Teodoro, como sendo um homem pacato, modesto, honestíssimo e lealíssimo. Pode-se atentar que o narrador, ao invés de utilizar os adjetivos “honesto” e “leal” (como fez com “pacato” e “modesto”), preferiu a categoria do grau de adjetivos superlativos eruditos, uma vez que, recorrendo ao uso de “honestíssimo” e “lealíssimo”, conforme apontado na *Gramática em 44 lições*, de Francisco Platão Savioli (2006), essa ação intensifica a qualidade dessa personagem em relação as outras.

Dessa maneira, o narrador aponta João Teodoro não apenas como um homem honesto e leal, e sim, como um homem muito digno/muito qualificado (ou seja, honestíssimo) e muito fiel (lealíssimo) comparando-o as outras personagens que conhecia.

Realizando uma consulta no *Dicionário de nomes próprios [online]* (2012), pode ser observado que as características da personagem João Teodoro apontadas pelo narrador são semelhantes com o significado de seu nome:

João (origem: bíblico) – significa agraciado por Deus e indica uma pessoa com forte espírito de liderança. Impulsivo, às vezes é mal interpretado, mas seus atos sempre visam o benefício da maioria, pois possui nobreza e caráter.

Teodoro (origem: grego) – significa presente dos deuses e indica uma pessoa que se adapta bem a qualquer situação. Tem bom senso e a capacidade de se manter calmo até quando todos à sua volta estão desesperados. Por isso, consegue muitas vitórias pela vida afora.

João Teodoro “nunca fora nada na vida, nem admitia a hipótese de vir a ser alguma coisa.” (LOBATO, 2009, p. 181). Essa característica também é muito importante, pois informa que durante toda a vida da personagem, nunca ocupara algum posição social e/ou cargo profissional importante em sua vida. Sem contar que essa personagem também nunca teve interesse em ocupar tal posição.

Assim, percebe-se que a construção dessa personagem apresenta uma simplicidade em seu nome e também em seu comportamento. A princípio, o leitor pode ser induzido ao

erro em classificar João Teodoro como uma personagem plana por conta de sua simplicidade e humildade. Conforme aponta Forster (1974), as personagens planas são constituídas ao redor de uma única ideia ou qualidade. Essas personagens podem ser conhecidas como tipos ou caricatura.

Porém, com uma leitura mais atenta, o leitor perceberá que João Teodoro, do conto “Um homem de consciência”, do escritor brasileiro Monteiro Lobato, é uma personagem muito mais complexa do que se possa imaginar.

A paixão de João Teodoro: a pequena Itaoca

Morador de Itaoca, “João Teodoro acompanhava com aperto de coração o deperecimento visível de sua Itaoca. [...] João Teodoro entrou a incubar a ideia de também mudar-se, mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse [...]” (LOBATO, 2009, p. 181). É compreensível essa reação, pois as pessoas geralmente não tem intenção de mudar frequentemente de cidade. Isso é demonstrado por Chevalier e Gheerbrant (1991, p. 238) no vocábulo “cidade”: “a construção das cidades é o sinal da sedentarização dos povos nômades [...]. É por essa razão que as cidades são tradicionalmente quadradas, símbolo da **estabilidade**.”

“Segundo a psicanálise contemporânea, a cidade é um dos símbolos da **mãe**, com o seu duplo aspecto de proteção e de limite. [...] Da mesma forma que a cidade possui os seus habitantes, a mulher encerra nela os seus filhos.” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1991, p. 239). A personagem João Teodoro deseja apenas continuar morando em sua cidade. Porém, aos poucos percebe que a sua Itaoca não poderá ser a cidade que o acolherá durante toda a sua vida, como uma mãe faz com os seus filhos.

Como pode ser observado, o espaço retratado no conto “Um homem de consciência” é o município de Itaoca. Itaoca é uma cidadezinha fictícia no interior do estado de São Paulo, criada por Monteiro Lobato. Segundo informações do *Pequeno dicionário tupi-guarani* [online] (2012), “itaoca” é uma palavra de origem indígena (do tupi-guarani), sendo que “ita” significa “pedra” e “oca” uma “cabana ou palhoça, casa de índio”. Na junção de “ita” + “oca” terá “itaoca”, ou seja, “casa de pedra”. Nos dicionários brasileiros já se encontram o vocábulo

“itaoca”. De acordo com o *Dicionário Houaiss [online]* (2012), “itaoca” significa “furna, lapa, caverna”.

Desse modo, pode-se afirmar que a escolha do nome de Itaoca pelo autor não foi por acaso. Nos seus diversos contos, no município de Itaoca sobram casas de tapera, encontram-se ruas mal iluminadas, miséria e políticos corruptos. Itaoca pode ser vista como uma cidade com “casas de pedras”, uma “verdadeira caverna”, um local onde poucos habitam e desejam ficar.

Assim, Itaoca é uma cidadezinha fictícia à margem da civilização, na qual resiste poucos moradores que continuam a morar num local repleto de ruas desertas e casas abandonadas. Pode-se afirmar que Itaoca é um lugar em que não há prosperidade.

No momento em que o narrador dá voz a personagem João Teodoro, nota-se por meio de um desabafo o seu descontentamento com a sua cidadezinha:

– “Isto já foi muito melhor” – dizia consigo. – “Já teve três médicos bem bons – agora só um e bem ruinzote. Já teve seis advogados e hoje mal dá serviço para um rábula ordinário como o Tenório. Nem circo de cavalinhos bate mais por aqui. A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...” (LOBATO, 2009, p. 181).

A personagem começa a fazer uma análise de sua cidade: verifica que no passado Itaoca possuía bons profissionais (entre eles médicos e advogados) e vários divertimentos. Percebe-se que a personagem cita duas carreiras que são consideradas, culturalmente, importantes no território brasileiro (médico e advogado). Esses profissionais, além de possuírem títulos de formação superior, são conhecidos e chamados de “doutores” pela população em geral, devido aos seus conhecimentos e *status* ocupados na sociedade brasileira.

O único nome próprio citado por João Teodoro é do Tenório (no qual o classifica como um advogado rábula ordinário). Segundo o *Dicionário Houaiss [online]* (2012), “rábula” pode ser um uso pejorativo para um “advogado muito falador, porém de poucos conhecimentos; incompetente” ou até mesmo pelo uso do regionalismo brasileiro, como uma “pessoa que advoga sem ser formada em Direito”. O *Dicionário de nomes próprios [online]* (2012) informa que “**Tenório** (origem: italiano) – significa ligeiro”. Assim, percebe-se

realmente que a personagem Tenório não é um profissional confiável (como foi informado, anteriormente, por João Teodoro).

Para continuar demonstrando a sua frustração diante da situação em que se encontra Itaoca, a personagem João Teodoro também informa que, “nem circo de cavalinhos bate mais” na cidade. Segundo o *Dicionário Digital Aulete* (2012), circo de cavalinhos é a

companhia ambulante de artistas (palhaços, domadores, trapezistas, malabaristas etc.) e todo o seu equipamento, que vão de cidade em cidade apresentando seus números, geralmente em picadeiros sob grande tenda e lona que também abriga o público. Também apenas *circo*.

Percebendo que Itaoca estava aos poucos se acabando, João Teodoro começa a pensar na ideia de também mudar-se para uma cidade próspera, “mas para isso necessitava dum fato qualquer que o convencesse de maneira absoluta de que Itaoca não tinha mesmo conserto ou arranjo possível.” (LOBATO, 2009, p. 181).

A nomeação de João Teodoro: reflexão e consciência

A nomeação de João Teodoro a delegado no conto “Um homem de consciência” foi como se a personagem tivesse levado “uma porretada no crânio. Delegado, ele! Ele que não era nada, nunca fora nada, não queria ser nada, não se julgava capaz de nada...” (LOBATO, 2009, p. 182)

Após a nomeação a delegado, João Teodoro começa a analisar sua situação. Como aponta o narrador do conto de Monteiro Lobato: “ser delegado numa cidadinha daquelas é uma coisa seriíssima. Não há cargo mais importante. É o homem que prende os outros, que solta, que manda dar sovas, que vai à capital falar com o governo.” (LOBATO, 2009, p. 182)

Para ocupar um cargo de delegado, o profissional deve ter conhecimentos da legislação vigente no país, pois como está registrado no *Dicionário Houaiss* [online] (2012), o delegado é um “funcionário que chefia a atividade policial em determinada localidade.” Como os cargos de médicos e advogados, os delegados também possuem certo *status* na sociedade brasileira. Atualmente, no Brasil, para ocupar o cargo de delegado, o profissional deve ser

graduado no curso de bacharelado em Direito e ser aprovado em concurso público estadual ou federal para exercer a função.

Após muita reflexão, João Teodoro decide deixar a cidade. Durante a sua saída, que ocorrera de madrugada, um amigo madrugador questiona a sua atitude:

- Que é isso, João? Para onde se atira tão cedo, assim de armas e bagagens?
- Vou-me embora – respondeu o retirante. – Verifiquei que Itaoca chegou mesmo ao fim.
- Mas, como? Agora que você está delegado?
- Justamente por isso. Terra em que João Teodoro chega a delegado eu não moro. Adeus. E sumiu. (LOBATO, 2009, p. 182).

A postura de João Teodoro em se retirar de Itaoca após a nomeação a delegado refere-se a análise das suas condições em atuar como uma autoridade na cidade. Ciente que não era uma profissão qualquer e, principalmente, que não estava preparado para exercer a função, João Teodoro percebe que realmente “tudo está perdido, que Itaoca não vale mais nada de nada de nada”. (LOBATO, 2009, p. 181).

A personagem, logo, cumpriu o prometido: em mudar de Itaoca quando ocorresse um fato que o convencesse de maneira absoluta de que a sua cidade não tinha mais condições de ser residida. Assim, com essa ação, João Teodoro demonstra ter conhecimento real da situação de Itaoca. Logo, pode afirmar que João Teodoro é um homem de consciência, conforme informa o título do conto.

Realizando outra pesquisa no *Dicionário Houaiss [online]* (2012), percebe-se a relação entre o título do conto “Um homem de consciência” e o seu texto: nesse caso, o vocábulo “um” é um *numeral*, o substantivo masculino “homem” seria *a indicação de um adulto do sexo masculino* e o pronome “de” indicaria *uma condição*. Para finalizar, a palavra “consciência” é um substantivo feminino que exprime

1. sentimento ou conhecimento que permite ao ser humano vivenciar, experimentar ou compreender aspectos ou a totalidade de seu mundo interior;
2. sentido ou percepção que o ser humano possui do que é moralmente certo ou errado em atos e motivos individuais, funcionando como o juiz que ordena acerca de coisas futuras e que se traduz em sentimentos de alegria, satisfação, ou de culpa, remorso, acerca de coisas passadas;

3. sistema de valores morais que funciona, mais ou menos integradamente, na aprovação ou desaprovação das condutas, atos e intenções próprias ou de outrem.

A postura de João Teodoro ter negado o cargo de delegado ocorre devido a personagem ter consciência da importância da profissão e, principalmente, da sua incompetência em desempenhar a função. Assim, a personagem pode ser classificada como complexa devido aos seus questionamentos de valores e moralidade.

Com essa análise, é possível verificar que o papel desempenhado por João Teodoro é a de protagonista, pois é a personagem principal do conto “Um homem de consciência”, de Monteiro Lobato. Como é uma personagem protagonista, nesse caso, é classificado como herói, por possuir características superiores as de seu grupo.

Dessa maneira, pode-se afirmar que João Teodoro é uma personagem redonda, pois segundo Forster (1974), a partir do momento que existir mais de um fator, as personagens deixam de ser planas e passam a ser consideradas redondas. Para entender melhor esse conceito criado por Forster, Cândida Vilares Gancho (2002) informa que as personagens redondas são mais complexas que as planas, ou seja, apresentam uma variedade maior de características que, podem ser classificadas em físicas, psicológicas, sociais, ideológicas e morais.

Desse modo, João Teodoro, do conto “Um homem de consciência”, é uma personagem redonda por apresentar diversas características, como social (um homem modesto), psicológica (um homem pacato) e moral (um homem honestíssimo e lealíssimo). Assim, é verdade afirmar que a personagem João Teodoro é um homem de consciência.

Considerações finais

Dono de um estilo conciso e vigoroso, com forte dose de ironia, Monteiro Lobato utiliza uma linguagem clara, objetiva e compreensível ao grande público. Lobato revelou o mundo rural, que era tão ignorado pelos escritores da época que tanto criticava. “A nossa literatura é fabricada nas cidades”, dizia, “por sujeitos que não penetram nos campos de medo dos carrapatos”. (SACCHETTA, 2012).

Como escritor pré-modernista, retratou a decadência do Vale do Paraíba após a passagem da economia cafeeira. Também apontou em seus contos os costumes dos moradores dessa região. Dessa maneira, ficou marcada em suas obras a descrição e a análise do tipo humano característico dessa região (o interior paulista).

A personagem João Teodoro do conto “Um homem de consciência” é um entre os milhares criados por Lobato para descrever o tipo humano característico da região do Vale do Paraíba.

Pacato, modesto, honestíssimo e lealíssimo, João Teodoro, apaixonado por Itaoca, sua querida cidadezinha, se vê obrigado a se mudar por causa de sua decadência: “A gente que presta se muda. Fica o restolho. Decididamente, a minha Itaoca está se acabando...” (LOBATO, 2009, p. 181)

Se, naquele momento, João Teodoro era o único que poderia exercer a função de delegado na cidade, esse fato indicaria realmente o descaso das autoridades paulistas com o município de Itaoca. Apesar de ser um homem bom e honesto, a personagem não possuía outro fator relevante e principal para ocupar o cargo mencionado: formação e conhecimento profissional.

A partir da nomeação, a personagem João Teodoro começa a enxergar o descaso das autoridades e a falta de progresso em Itaoca, que também pode ser denominada de cidade de pedra interiorana paulista.

A fuga de João Teodoro não pode estar relacionada ao um sentimento de inferioridade e a um temperamento passivo da personagem e sim, por reconhecimento e consciência da falta de condições em exercer o cargo.

Embora não fosse nada, não quisesse nada e não tivesse nada, uma coisa é certa: João Teodoro é um homem sensato, honesto, leal e humilde (conforme foi apontado pelo narrador heterodiegético no início do conto).

Dessa maneira, pode-se observar no conto “Um homem de consciência”, de Monteiro Lobato, em especial, nas ações da personagem fictícia João Teodoro, a denúncia da vida real dos brasileiros: a representação da personagem caipira paulista, o cenário de decadência de algumas cidades do interior e o descaso com o povo paulistano, diferente daquela retratada nas obras dos escritores parnasianos da época.

REFERÊNCIAS:

AULETE, Francisco J. Caldas & VALENTE, Antonio Lopes dos Santos. *Aulete digital: Dicionário contemporâneo da língua portuguesa*. Edição brasileira original: Hamílcar de Garcia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2012.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BRAIT, Beth. *A personagem*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1985.

CAMARGOS, Marcia & SACCHETTA, Vladimir. Farpas luminosas. In: LOBATO, M. *Cidades mortas*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 12-16.

CANDIDO, Antonio. A personagem do romance. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 51-80.

CANDIDO, Antonio. Caipiradas. In: _____. *Recortes*. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2004. p. 268-273.

CASTELLO, J. Aderaldo. *A literatura brasileira: origens e unidade (1500-1960)*. São Paulo: EDUSP, 1999. 2 v.

CHEVALIER, Jean & GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números*. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 5. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1991.

COELHO, Nelly Novaes. Monteiro Lobato, um marco. In: _____. *Panorama histórico da literatura infantil/juvenil: das origens Indo-Européias ao Brasil Contemporâneo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1991. p. 225-238.

DICIONÁRIO DE NOMES PRÓPRIOS. Disponível em: <<http://www.dicionariodenomesproprios.com.br>>. Acesso em: 10 jan. 2012.

DOURADO, Autran. Personagem, composição, estrutura. In: _____. *Uma poética do romance*. São Paulo: Perspectiva; Brasília: INL, 1973. p. 94-109.

FORSTER, E. M. *Aspectos do romance*. Tradução de Maria Helena Martins. 2. ed. Porto Alegre: Editora Globo, 1974.

GANCHO, Cândida Vilares. *Como analisar narrativas*. 7. ed. São Paulo: Ática, 2002.

HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Disponível em: <<http://houaiss.uol.com.br/busca.jhtm>>. Acesso em: 11 jan. 2012.

LOBATO, Monteiro. *Cidades mortas*. 2. ed. São Paulo: Globo, 2009. p. 20-24.

MICHAELIS: Moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2012. Disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php>>. Acesso em: 20/01/2012.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. 12. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

PEQUENO DICIONÁRIO TUPI-GUARANI. Disponível em: <<http://www.desvendar.com/especiais/indio/dicionario.asp>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

PRADO, Decio de Almeida. A personagem do teatro. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 81-101.

REIS, Carlos & LOPES, Ana Cristina M. *Dicionário de teoria da narrativa*. São Paulo: Ática, 1988.

ROSENFELD, Anatol. Literatura e personagem. In: CANDIDO, A. et al. *A personagem de ficção*. São Paulo: Perspectiva, 1987. p. 9-49.

SACCHETTA, Vladimir. Monteiro Lobato: Cidadão Escritor. In: _____. *Monteiro Lobato: vida e obra*. Disponível em: <<http://lobato.globo.com/lobato.asp>>. Acesso em: 13 jan. 2012.

SAVIOLI, Francisco Platão. *Gramática em 44 lições*. São Paulo: Ática, 2006.

SILVA, Lutiane Marques. Grito do Picapau: um olhar sobre o educador Monteiro Lobato. *Revista Conhecimento Prático Literatura*, São Paulo, n. 30, p. 48-60, 2010.

VIANNA, Lúcia Helena. *Roteiro de leitura: São Bernardo*, de Graciliano Ramos. São Paulo: Ática, 1997.

Recebido em 9 de abril de 2012.

Aceito em 15 de junho de 2012.